

Brasília não é só a capital do rock



Câmbio Negro: o rap das satélites em disco lançado pelo selo local da Discovery

DO SAMBA AO RAP, PASSANDO PELO CHORO E A MÚSICA ERUDITA, A CIDADE JÁ REVELOU UMA SÉRIE DE TALENTOS MÚSICAIS

MARCOS SAVINI

Centro político de um Brasil mal tratado, Brasília virou nos últimos tempos o bode expiatório e o judas para malhação de todos os males e padecimentos do País. Alvo de constantes ataques e até de propostas de retorno da capital federal para o Rio de Janeiro, a cidade poucas vezes vê revelada a sua face alternativa à do poder. A exceção fica para o rock brasiliense que, desde o boom dos anos 80, não deixa de projetar nacionalmente bandas que seguem a esteira da Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Plebe Rude e Capital Inicial.

Começando pela música que se produz na capital do País, o *Jornal de Brasília* publica a partir de hoje uma série de matérias traçando o perfil da criatividade brasiliense, que nunca se resumiu apenas ao rock. A música erudita, o samba, o choro são alguns dos gêneros que têm histórias para contar. "Brasília não tem ainda tradições culturais, mas na música a gente já tem uma certa tradição", afirma Clímério Ferreira — compositor que optou por não sair da cidade, mas viu muitos talentos de sua geração, como Fagner ou Ney Matogrosso, despontarem a partir de Brasília.

A lista de músicos e grupos aqui revelados é grande, indo de Oswaldo Montenegro ou Cássia Eller, passando pelas várias gerações roqueiras, chegando até o grande número de grupos de rap que proliferam nas cidades-satélites. A condição de celeiro musical de artistas que não tinham outra opção senão a de seguir para o eixo Rio-São Paulo — à procura de maiores públicos — começa, aos poucos, a ser revertida. Bandas festejadas na mídia dos grandes centros estão optando por não mais sair de Brasília — como é o caso dos integrantes do grupo de baião-rock Os Raimundos.

Com o primeiro disco prestes a ser lançado, e com shows agendados em várias cidades do País a partir de abril, os rapazes do Os Raimundos já

fizeram sua opção: "Mesmo que a gente estoure após o lançamento do disco, não estamos a fim de mudar. Preferimos pagar o cansaço das longas viagens, saindo daqui para tocar em outros lugares", afirma o baterista Fred Raimundo. Outro que não troca Brasília por qualquer outra cidade brasileira é Antônio Cleves, guitarrista e vocalista do Oficina Blues: "Não vejo porque sair daqui quando os grandes centros estão todos decadentes. Aqui nós temos um astral e um público maravilhoso".

Astral — A mistura de pessoas e culturas de todas as regiões do País, e o "astral" da cidade são as maiores vantagens apontadas por quem optou por Brasília. "Rio de Janeiro ou São Paulo oferecem muitas oportunidades de trabalho, mas tem pouco espaço para a reflexão, para a conversa. Aqui o trânsito flui, o domingo é uma calmaria total, a gente recebe informações de todas as partes, sem regionalismos. É uma cidade ótima para criar", conclui Clímério Ferreira.

"Brasília é super legal para a criação", confirma Fred Raimundo. "A gente abre a janela e vê o horizonte pelos quatro lados, tem muito silêncio, gente bonita, um astral bom mesmo para trabalhar". Antônio Cleves endossa: "Não podia ter local melhor para compor. É uma cidade fantástica para a gente se inspirar, pelo misticismo, pelos problemas sociais do País que refletem na política da capital. Aqui tem público para todo tipo de música — até para blues em inglês como fazemos no Oficina Blues — tem embaixadas do mundo inteiro. Aqui não é só Brasil, é o mundo. Só saímos daqui para o exterior" diz o guitarrista do Oficina Blues (o grupo negocia a gravação do segundo disco junto a gravadoras norte-americanas especializadas em blues).

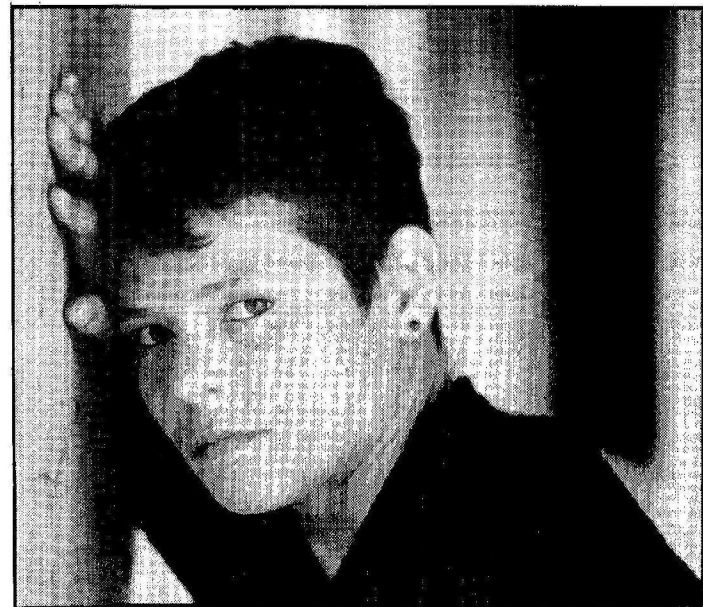
A falta de indústrias fonográficas é, para os músicos locais, o único grande entrave para a produção musical brasiliense, a exceção é para o selo *Discovery*, especializado no rap das cidades-satélites e responsável pelos discos do *Câmbio Negro*, *Código Penal*, *Inimigo Público*, *Círculo Fechado*, *DJ Mix*, *Gog* e *MC Zeuxis*. Na opinião de Clímério Ferreira, a consolidação de uma indústria fonográfica no DF é uma questão de tempo: "Brasília vai ser autônoma logo logo. Já temos bons estúdios, podemos gravar os discos aqui. Não demora e vai ter mais gente investindo em selos", acredita o compositor.

Mediocre — Mas é na música erudita onde a carência de projetos e investimentos provoca os maiores impedimentos para quem quer produzir e tocar em Brasília. Em torno da UnB e da Escola de Música, surgiram historicamente todos os melhores grupos eruditos da cidade — como a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional (fundada em 1980 com o maestro Cláudio Santoro à sua frente), o Madrigal de Brasília, o Quarteto de Brasília ou o Coro Sinfônico Comunitário. "Nós temos excelentes músicos, mas todos sofrem com a falta de espaços para tocar", avalia o violoncelista Guerra-Vicente, do Quarteto de Brasília. "Na música erudita, Brasília atravessa sua fase de maior crise, porque as entidades oficiais ou privadas não mantêm nenhum projeto ou linha de produção. Estamos restritos pela mediocridade burocrática. Existem raras exceções, como o projeto das *Sextas Musicais* da Casa Thomas Jefferson", completa o violoncelista.

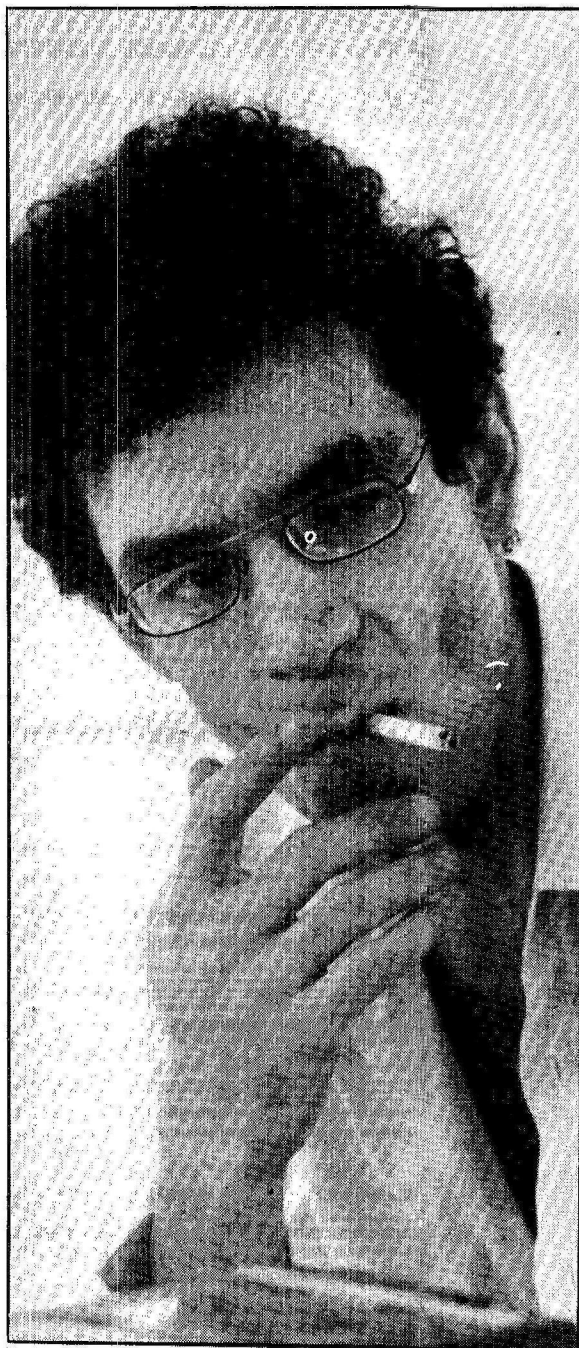
A flautista Odete Ernest Dias, após também elogiar o projeto das Sextas Musicais, da Thomas Jefferson, traça o mesmo quadro de falta de apoio para os músicos eruditos de Brasília: "As condições não são boas. O papel promotor das instituições está muito fraco. Brasília é uma cidade *sui generis*. Não precisa construir nada, tem muitos auditórios não utilizados nas autarquias, dos ministérios... Falta é uma campanha para que cada entidade passe a promover projetos musicais com a programação constante destes auditórios. Brasília tem gente ótima, e espaço não é problema. Tem prédio até demais. Falta é investimento em arte. E isto é responsabilidade de todas instituições, mesmo as que não são ligadas diretamente à cultura — como os bancos ou as autarquias", defende Odete Ernest Dias.



Santoro, o primeiro regente da Sinfônica



Cássia Eller é considerada uma das melhores cantoras da MPB



Renato Russo, líder da banda Legião Urbana